

PARA ALÉM DOS “CONDOMÍNIOS FECHADOS”: REFLEXÕES SOBRE MEDO, TERRITÓRIOS FORTIFICADOS E SOCIABILIDADE.

RESUMO

A geografia brasileira tem se debruçado sobre os estudos acerca dos chamados “condomínios fechados” e seus rebatimentos na dinâmica urbana, sobretudo, no que diz respeito a padrões de sociabilidade e em uma “negação da cidade”. Contudo, as dinâmicas atuais, cada vez mais complexas, nos pedem uma abrangência no olhar para ver essas situações além dessas formas de habitar. Tomando como ponto principal o medo nos propomos a refletir sobre essas dinâmicas para além dos condomínios fechados, considerando as formas mais “simples”, por assim dizer, de moradia. Assim, o objetivo do presente artigo é analisar a formação de enclaves territoriais que não estão sob a forma de condomínios fechados, que levam a negação da cidade e a ressignificações e enfraquecimentos de sociabilidades urbanas. Para isso, utilizamos como área de estudo principal o bairro de Candelária, situado no município de Natal-RN, Brasil.

Palavras-chave: Geografia; Medo; Sociabilidade.

ABSTRACT

Brazil's geography has been working on studies about "gated communities" and its repercussions on urban dynamics, especially with regard to sociability patterns and a "denial of the city." However, the current dynamic, ever more complex, call for a comprehensive look at these situations to see beyond these ways of living. Taking the fear as the main point, we propose a reflection on these dynamics beyond the gated communities, considering a simple way of housing. The purpose of this paper is to analyze the formation of territorial that are not in the form of gated communities, that lead to the denial of the city and the reinterpretation and weakening of urban sociability. For this, we use the Candelaria neighborhood, in the municipality of Natal, RN, Brazil, as the main area of study.

Keywords: Geography; Fear; Sociability.

RESUMEN

La geografía de Brasil ha estado trabajando en los estudios acerca de las llamadas "comunidades cerradas" y sus repercusiones en la dinámica urbana, especialmente en relación con los patrones de sociabilidad y una "negación de la ciudad." Sin embargo, las dinámicas actuales, cada vez más complejas, nos piden mirar para ver estas situaciones más allá de estas formas de vida. Tomando como punto focal el miedo nos proponemos reflexionar sobre estas dinámicas más allá de las comunidades cerradas, teniendo en cuenta la formas más "simple", por así decirlo. El objetivo de este trabajo es analizar la formación de territorio que no son en forma de barrios cerrados, lo que lleva a la negación de la ciudad y la reinterpretación y el debilitamiento de la sociabilidad urbana. Para eso, se utiliza como área de estudio principal del barrio de la Candelaria, en el municipio de Natal, RN, Brasil.

Palabras clave: Geografía; Miedo; Sociabilidad.

HIRAM DE AQUINO BAYER¹
hiraambayer@gmail.com

EUGÊNIA MARIA DANTAS¹
eugeniadantas@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

As Ciências Sociais e em especial a Geografia têm incorporado às suas reflexões questões relacionadas às dinâmicas dos chamados “condomínios fechados”. O *boom* que essa forma de habitação apresentou nas últimas décadas, principalmente a partir dos anos de 1970 – no Brasil, sobretudo, mas também e muito fortemente em outros países do mundo – despertou a curiosidade e possibilitou a sistematização de conhecimentos importantes para a compreensão da vida urbana, considerando as suas mais diferentes formas espaciais.

Os vieses pelos quais os condomínios fechados têm sido abordados por essas ciências são múltiplos. Inserem-se em temas que vão desde a discussão sobre a renda da terra e políticas habitacionais à individualização progressiva pela qual passa a sociedade. A ampla bibliografia sobre a dinâmica dos condomínios fechados os insere, muitas vezes, em uma condição de “vilão” nas dinâmicas urbanas, sendo eles motivadores da crescente negação da cidade, do esfacelamento da sociabilidade através do enclausuramento crescente em seu seio ou da fragmentação do seu tecido espacial.

Dentre as motivações que levam o cidadão a optar pelos condomínios fechados encontra-se com destaque o medo. Nesse caso, a violência que atinge os grandes, médios e, até, os pequenos centros urbanos têm gerado um sentimento de insegurança que influencia, sobremaneira, essa decisão. Cada vez mais os indivíduos procuram “solucionar” o problema da insegurança e do medo utilizando como saída à moradia em condomínios fechados, considerando o apelo à segurança que estes possuem. Essa estratégia, contudo, tem evidenciado na paisagem à formação de enclaves territoriais fortificados, reverberando na sociabilidade entre os cidadãos. A essa condição outros tipos de formação se fazem presentes no tecido urbano, acentuando a negação da cidade e enfraquecendo as sociabilidades urbanas.

Esse trabalho tem como objetivo analisar a formação de enclaves territoriais para além dos condomínios fechados, que levam a negação da cidade e a ressignificações e enfraquecimentos de sociabilidades urbanas. Para isso, escolhemos como área de estudo o bairro de Candelária, situado na cidade de Natal-RN¹. Merece destaque algumas características que tornam Candelária um campo rico para tecermos as discussões que nos propomos: o bairro possui uma grande variedade de formas de habitação – casas “comuns”, condomínios horizontais e condomínios verticais; está inserida em uma região da cidade onde há a ocorrência de altas taxas de crimes, principalmente, os relacionados a roubos e furtos, além de haver uma forma discursiva do medo bastante presente no cotidiano dos seus moradores. Apesar da escolha se voltar para um bairro específico - Candelária – faremos uso de exemplos que extrapolam a área e que nos ajudam a compreender o fenômeno aqui posto.

Para realizarmos as discussões nos valem de algumas estratégias, nas quais destacamos a revisão bibliográfica, sobretudo, referências que tratam da dinâmica dos condomínios fechados (nas Ciências Sociais e, especialmente, na Geografia); as conversas que tivemos com moradores (de “dentro” e de “fora” dos condomínios); e a análise da paisagem do bairro através da incorporação crescente de equipamentos de segurança a ela. Além disso, temos experimentado o uso de redes sociais para encontrarmos informações relevantes a pesquisa. Nesse caso, uma das estratégias foi a criação de um grupo no *Facebook*, chamado de “Viver em Candelária”, onde participam quase 70 moradores do bairro e que interagem conosco mediante o lançamento de perguntas, enquetes e postagens.

O artigo divide-se em três partes. A primeira tem como objetivo discutir algumas abordagens que são feitas no âmbito da Geografia e demais ciências sociais acerca dos condomínios fechados. A segunda parte propõe-se a abordar o medo e a formação de territórios (ou enclaves) fortificados, partindo da ideia do dispositivo panóptico. A terceira parte busca unir essas duas primeiras e matizá-las, relativizando o papel dos condomínios

¹ Este trabalho está vinculado a pesquisa em curso referente ao mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

fechados em certas dinâmicas urbanas, sobretudo, daquelas que levam ao enclausuramento e às ressignificações e alterações de sociabilidade.

OS ESTUDOS ACERCA DOS CONDOMÍNIOS FECHADOS

O fenômeno de expansão dos condomínios fechados intensificou-se durante as décadas de 1960 e 1970, principalmente nos Estados Unidos, expandindo para a maioria dos países ocidentais. Essa forma de habitar era tida como uma saída a impossibilidade crescente que as elites encontravam de distanciar-se e diferenciar-se de populações “indesejadas” – pobres, sobretudo -, geralmente segregadas por meios legais de planejamento urbano estatais que as afastavam das áreas centrais das cidades. Aos condomínios fechados vinculou-se um ideário de diferenciação que proporcionava aos moradores *status* dentro da cidade. Morar em condomínios era e continua sendo sinônimo de segurança, de homogeneização social da vizinhança e, até, de valorização do meio ambiente. É dentro desse quadro que muitos trabalhos foram escritos sobre essa forma de moradia.

Uma das referências mais importantes dentro dessa discussão é, sem dúvida, o livro *Cidade de Muros: crime, segregação e Cidadania*². Nele a autora faz uma discussão sobre o aumento vertiginoso da violência em São Paulo aliando a esse fato o fracasso da polícia e da justiça ao seu combate e ao surgimento de formas até então desconhecidas de discriminação social. Interessante circunscrevermos uma das partes do livro dedicada, justamente, a formação do que a autora chama de enclaves fortificados e seu papel nas dinâmicas segregacionistas do espaço paulistano e da relação entre público e privado. Nesse ponto a temática da violência e, conseqüentemente, o medo (sobretudo o medo do crime) surge como o mote principal para a formação desses enclaves e das dinâmicas espaciais decorrentes deles.

Os enclaves territoriais consistem em “espaços privatizados, fechados e monitorados para residências, consumo, lazer e trabalho. A sua principal justificação é o medo do crime violento”³. Na lista dos enclaves mais comuns podemos encontrar os *shoppings centers*, conjunto de escritórios, escolas, hospitais e, claro, os condomínios fechados. Sobre esses espaços incide um movimento privatizador que relativiza sua função pública – tornando-os, a grosso modo, espaços pseudo-públicos – com a finalidade principal de vigiar, conter e selecionar seus usos. São espaços onde o apelo pela segurança encontra sua força atrativa. Munidos de equipamentos de vigilância e de segurança, proporcionam uma diminuição da sensação de insegurança além de permitirem uma certa padronização de seus usuários, conferindo-lhe, também, maior prestígio.

Focada na questão da segurança, a autora discorre sobre o fato de que as imobiliárias em São Paulo antes, mesmo da ocorrência de crimes violentos atingiram picos altíssimos na cidade, já incorporavam o apelo pela segurança como um dos motivos pelos quais as pessoas deveriam residir em condomínios fechados. A insegurança sempre foi o recurso discursivo para a venda desses novos empreendimentos. A principal crítica que a autora tece a respeito dos condomínios reside no fato destas formas de moradia “não criarem uma vida pública regulada por princípios democráticos, responsabilidade pública e civilidade”⁴.

Nosso primeiro exemplo veio de fora da ciência geográfica, mas que trouxe importantes contribuições para o seio dessa ciência. Agora iremos nos ater aos autores da Geografia que tratam da temática dos condomínios fechados. O primeiro no qual nos debruçamos são os escritos de Marcelo Lopes de Souza, principalmente, em seu livro *Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana*⁵. Como o jogo de

² CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: EDUSP, 2000. 34 ed.

³ CALDEIRA, op. cit., p. 211.

⁴ Caldeira, 2000, p. 277.

⁵ SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

palavras do título do livro indica – *fobo* (*phóbos*) = medo; *pole* (*pólis*) = cidade – a reflexão posta resulta na análise do medo e do risco como elementos protagonistas das dinâmicas urbanas de várias cidades. Nele a formação dos condomínios fechados (mais precisamente no que o autor designa como “enclaves territoriais”) estão vinculados a um movimento de auto-segregação das elites e classe média e aos rebatimentos desses territórios nos usos dos espaços públicos.

No livro em questão o autor parte de uma ideia de *medo generalizado*, no qual (re)condiciona hábitos de deslocamento e lazer, influencia formas de moradia, de *habitat*, e modela discursos padronizados acerca de uma violência urbana. Nesse caso, emerge a centralidade da violência (e do medo de ser alvo dela) nas dinâmicas urbanas, sobretudo, na fragmentação do espaço sociopolítico-espacial de algumas cidades. De maneira geral, essa fragmentação está vinculada a um processo de formação de enclaves territoriais (assemelhando-se aos “enclaves fortificados” discutidos por Caldeira que vimos anteriormente) matizadas em duas formas: as favelas territorializadas por traficantes e a auto-segregação das elites (proliferação dos “condomínios exclusivos”). Cabe ressaltar que a análise do autor está circunscrita, principalmente, a cidade do Rio de Janeiro.

Acerca da auto-segregação decorrente do crescimento vertiginoso dos condomínios fechados, ou “exclusivos”, o autor apresenta a mesma preocupação de Caldeira. Para ele a auto-segregação se constitui em uma solução escapista, que representa uma fuga e não um enfrentamento do problema. Os “condomínios exclusivos” colaborariam para “deteriorar a qualidade de vida, a civilidade e as condições de exercício da própria cidadania na cidade, sob determinados aspectos”⁶, reforçando, assim, a falta de compromisso político-pedagógica para com o resto da cidade.

Esse descompromisso matizado em uma ideia de “negação da cidade” pelos condomínios tem sido ressaltada em inúmeros trabalhos no seio da ciência geográfica. Lucas Melgaço no artigo *A Cidade de Poucos: condomínios fechados e a privatização do espaço público em Campinas*⁷ nos oferece importantes considerações acerca desse tema. Para o autor, a expansão dos condomínios fechados resulta em uma crescente privatização dos espaços públicos, uma mudança na noção de cidade aberta ao que é coletivo e o direcionamento para outra ideia de cidade que privilegia um ideal de exclusividade. Além disso, destaca que “os condomínios não podem estar nem perto, nem longe demais dos centros das cidades. Dessa forma, eles negam a cidade ao mesmo tempo em que dependem dela”⁸.

Rogério Haesbaert, outro geógrafo que realiza algumas incursões no debate aqui posto, tem como foco principal o conceito de Território. Em estudos mais recentes o autor insere a discussão dentro de um “tempo de contenção territorial”. Em seu artigo *Território, insegurança e risco em Tempos de Contenção Territorial*, esse pensador trata da proliferação de muros, cercas, “fronteiras” territoriais em sentido amplo. Uma dessas novas fronteiras surgem no espaço intraurbano das cidades e se dá, justamente, sob a forma dos condomínios fechados. O autor ironiza com o termo “Alphaville” (rede famosa de condomínios fechados no Brasil) e diz que vem ocorrendo uma “alphavelização” da classe média alta no país.

A reflexões apresentadas colocam como recorrente a perspectiva de que o condomínio fechado seria uma forma de negação da cidade que contribui para o enfraquecimento das relações de sociabilidade em seu seio sem possuir um compromisso de atacar a causa dos problemas que envolvem medo, insegurança e violência urbana.. A pergunta que nos fazemos é: seria isso “obrigação” dos condomínios fechados? Nesse sentido, nos parece que há uma “demonização” dessas formas espaciais, colocando-os como principais causas dessa famigerada “negação da cidade”. Essa negação passa a ser exclusividade daqueles que estão

⁶ SOUZA, 2008, p. 73.

⁷ MELGAÇO, Lucas. **A Cidade de Poucos: condomínios fechados e a privatização do espaço público em Campinas**. Boletim Campineiro de Geografia. V. 2, n. 1, 2012.

⁸ MELGAÇO, op. cit., p. 90.

dentro dos muros e não parte de um processo de ressignificação do viver urbano que inclui mudança de hábitos e condutas, que perpassam o sentido do exercício da plena cidadania, por padrões de sociabilidade e outras dinâmicas.

A sociedade moderna-líquida, como diria Bauman,⁹ é marcada pela efemeridade das relações. Não apenas das relações interpessoais, mas da relação pessoa-ambiente. Os avanços das tecnologias da informação alteram as práticas sociais. Videoconferências substituem, muitas vezes, o contato tête-à-tête. Os jogos online possibilitam o contato com “outros mundos” para além do espaço imediato do bairro, da cidade. Não é surpresa que a dinâmica que outrora circunscrevia-se ao viver entre os muros dos condomínios tenha extrapolado seus limites, transitado pelas ruas e tenha adentrado às residências “comuns”. A negação da cidade atinge um outro patamar. De casa também nega-se a ela.

Vislumbramos o medo, principalmente o medo do crime, como um dos principais fatores para esse esfacelamento das relações de sociabilidade em diversas localidades.

Muitas cidades passam a ser experienciadas através do medo, de lugares e de pessoas. O aumento das taxas de crimes aliado a amplitude da informação acerca deles, que acabam por atingir e influenciar localidades onde essas taxas não necessariamente sejam altas – e aqui é onde entra o quase mantra “não existe mais lugar tranquilo” – são na transformação dessa experiência na cidade. Essas “fobias” auxiliam na extrapolação e generalização da negação da cidade para além dos condomínios. No decorrer do artigo buscaremos inserir o medo dentro dessa discussão – como um dos fatores e não como o único – acerca da negação da cidade, do esfacelamento das relações de sociabilidade, da “anemia” dos espaços públicos, matizados em uma relação de abertura-fechamento que conduz a situações de enclausuramento cada vez mais comuns, levando a formação de territórios fortificados.

O PARADOXO DA ABERTURA-FECHAMENTO

A vida humana é repleta de contingências. A impossibilidade e a impotência de prever o futuro causa receio e insegurança. Não sabemos o que está por vir, bonança ou mal-estar. É, justamente, dentro dessa imprecisão que o medo se situa, em toda sua multiplicidade. Um dos medos que mais assolam as cidades na atualidade é o medo derivado, ou de “segundo grau”. Para Bauman, esse medo é caracterizado por ser social e “reciclado” e não requer que haja, necessariamente, uma ameaça imediatamente presente. O medo derivado pode ser um “rastros de uma experiência passada de enfrentamento da ameaça direta – um resquício (...) importante na modelagem da conduta humana mesmo que não haja mais uma ameaça direta à vida ou à integridade”¹⁰. Destacamos, pois, os perigos que incidem sobre o corpo e a propriedade e que podem desenvolver esse medo derivado nos indivíduos. A esse conjunto de perigos, podemos chamar de “medo do crime”.

Em muitas cidades brasileiras, e do mundo, o discurso do medo está presente no cotidiano dos moradores. Em cidades que experimentam crescimentos vertiginosos da chamada “violência urbana” esses discursos são ainda mais presentes e passam a condicionar práticas espaciais dos cidadãos e interferem decisivamente em suas vidas cotidianas. O medo do crime além de criar uma agenda institucional (é pauta certa em discussões no âmbito do poder público e indispensável às “promessas de campanha” e a ações governamentais), alimenta uma indústria própria que vai desde jornais especializados em notícias acerca de crimes – o “jornalismo policial” – a empresas de segurança privada.

A existência de uma esfera de ideias relacionadas de forma direta a uma sensação de insegurança, a um medo, sobretudo, do crime, é denominada por Melgaço¹¹ de *psicosfera do*

⁹ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

¹⁰ BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

¹¹ MELGAÇO, Lucas. **Securização Urbana: psicosfera do medo à tecnosfera da segurança**. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

medo. A psicosfera do medo “é uma imaterialidade ativa, pois condiciona ações e altera formas”¹². Atrélado a essa psicosfera está a *tecnoesfera da segurança*, que se constitui em “toda forma de materialidade técnica em torno do ideal de segurança e inclui, obviamente, os processos de securização”¹³. A psicosfera do medo é, dessa forma, condição para a tecnoesfera da segurança.

Na dialética entre psicosfera do medo e tecnoesfera da segurança percebe-se uma das maiores utopias nas cidades pós-modernas: a “segurança com liberdade”¹⁴. Ora, se não podemos prever o que vai acontecer, como iremos experimentar a segurança plena? O quadro se agrava quando a despeito da segurança é necessário tolhermos um pouco nossa liberdade. Nesse sentido, torna-se difícil chegar a um denominador comum: segurança e liberdade parecem ser inversamente proporcionais e se constituírem de uma certa dose de utopia. A “regra” das utopias é, justamente, a impossibilidade de alcançá-la. Contudo, dentro dessa impossibilidade o que se torna importante não é o fim, mas sim os meios, o processo, em busca da utopia. De certa forma a utopia é como se fosse uma maratona infinita: durante ela são traçadas estratégias, há esperança e cansaço, desistências e perseveranças, mas o certo é que nunca alcançar-se-á a linha de chegada. A busca pela utopia da segurança plena ganha potencial mais utópico ainda quando almeja-se ter a liberdade preservada. É nessa ambição desenfreada pela segurança que algumas liberdades ficam pelo caminho e muitas vezes é necessário abrir mão de uma em favor da outra.

Nesse contexto, um interessante paradoxo pode nos ajudar a compreender e problematizar essa situação: ao mesmo tempo em que os avanços tecnológicos, sobretudo no campo das comunicações, permitem cada vez maiores “aberturas ao mundo”, ocorre um fechamento crescente aos espaços imediatos da vida cotidiana. A psicosfera do medo e a tecnoesfera da segurança, ao nosso ver, tem uma contribuição essencial na alimentação desse paradoxo. O medo motiva práticas as mais variadas no qual uma delas é o enclausuramento. E não apenas em formas de moradias como os condomínios fechados, mas também, e cada vez mais, nas casas “comuns”. Esses enclausuramentos, normalmente, vêm acompanhados de uma securitização das residências, incorporando a elas equipamentos de segurança dos mais variados, formando os territórios (ou enclaves) fortificados. Esses territórios fortificados inserem-se dentro do paradoxo da abertura-fechamento e passam a ter rebatimentos nas sociabilidades urbanas.

É justamente na proliferação e na transformação de casas em territórios fortificados que vemos uma resignificação do dispositivo panóptico, idealizado por Bentham no século XVIII e largamente descrito e estudado por Foucault¹⁵. Pensado arquitetonicamente como uma construção circular periférica com uma torre central, esse objeto do “olhar” tinha como principal objetivo controlar o espaço por meio da premissa “ver sem ser visto”. O dispositivo, pensado inicialmente para instituições como presídios, expandiu-se para as escolas, hospitais e fábricas. A psicosfera do medo associada a tecnoesfera da segurança possibilitou o espraiamento desse instrumento, atomizado em cada residência, resignificando-o de forma que o objetivo não é mais “manter o controle de dentro”, mas sim “manter fora”. As câmeras de vigilância e as rondas privadas são os “olhos” do dispositivo, como se houvesse uma terceirização do olhar. Voltados para a rua, buscam identificar possíveis riscos, perigos e pessoas suspeitas. As cercas elétricas, os muros altos, os cães-de-guarda objetivam manter os perigos distantes, fora do espaço da residência. A figura 1 representa um modelo para compreendermos como o panóptico vêm sendo resignificado atualmente.

Figura 1 - Representação do modelo panóptico e panóptico espraiado.

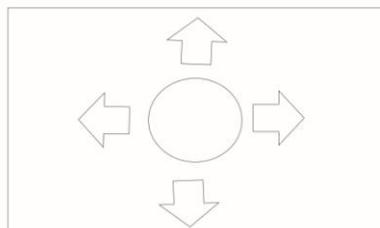
¹² MELGAÇO, op. cit., p. p. 106.

¹³ MELGAÇO, op. cit., p. 106.

¹⁴ BAUMAN, Zygmunt. **Vigilância Líquida**: diálogos com David Lyon. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

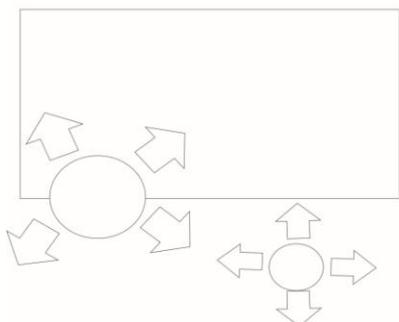
¹⁵ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

Modelo Panóptico



Fonte: <http://cafe-com-ciencia.blogspot.com.br>

Modelo do Panóptico Espreado



Fonte: Acervo próprio do autor.

Fonte: Bayer, 2015 (elaboração própria).

Os territórios (enclaves) fortificados, costumeiramente, foram relacionados aos condomínios fechados e grandes espaços privados, como os *shopping centers*, por exemplo, devido as suas características de controle da entrada e saída de pessoas e a incorporação em larga escala de parafernália tecnológica de segurança. Contudo, através dessa ideia de espraiamento do panóptico podemos observar como esses territórios não se restringem mais a essas formas urbanas, incorporando-se a outras formas.

A seguir iremos discutir algumas dinâmicas que nos dão condições de refletir o processo de enclaves territoriais para além dos condomínios fechados e seus rebatimentos em ações de negação da cidade e em enfraquecimentos de sociabilidades urbanas.

SOCIABILIDADE E NEGAÇÃO DA CIDADE EM TEMPOS DE ENCLAUSURAMENTOS

Até agora vimos algumas abordagens que nos possibilitam compreender melhor o fenômeno do medo e sua atuação no sentido de tornar mais complexas temáticas que vinculavam aos condomínios fechados práticas de negação da cidade e de enfraquecimento das relações de sociabilidade. Agora, iremos analisar algumas dinâmicas que ocorrem no bairro de Candelária, principalmente, mas também em outras localidades, para que possamos visualizar algumas dessas alterações e ressignificações na prática.

A sociabilidade pode ser compreendida como “forma lúdica arquetípica de toda a socialização humana, sem quaisquer propósitos, interesses ou objetivos que a interação em si mesma [no qual] uma das regras implícitas seria atuar como se todos fossem iguais”¹⁶. A sociabilidade, portanto, não pressupõe trocas intencionais. Obviamente, trocas, ganhos e perdas sempre haverá em uma interação social. Mas, intencionalmente (ou idealmente?), a sociabilidade pressupõe a isenção de qualquer desejo que não seja o da simples interação, no qual, então, dá-se as trocas. E é no âmbito dessa sociabilidade que emerge uma diferenciação importante entre proximidade corporal e distância social¹⁷. O que vemos em muitas cidades e no bairro de Candelária, especialmente, é que a simples proximidade, o fato de ser vizinhos, não é condicionante de uma relação social mais afetiva. Nesse fato, o papel dos territórios

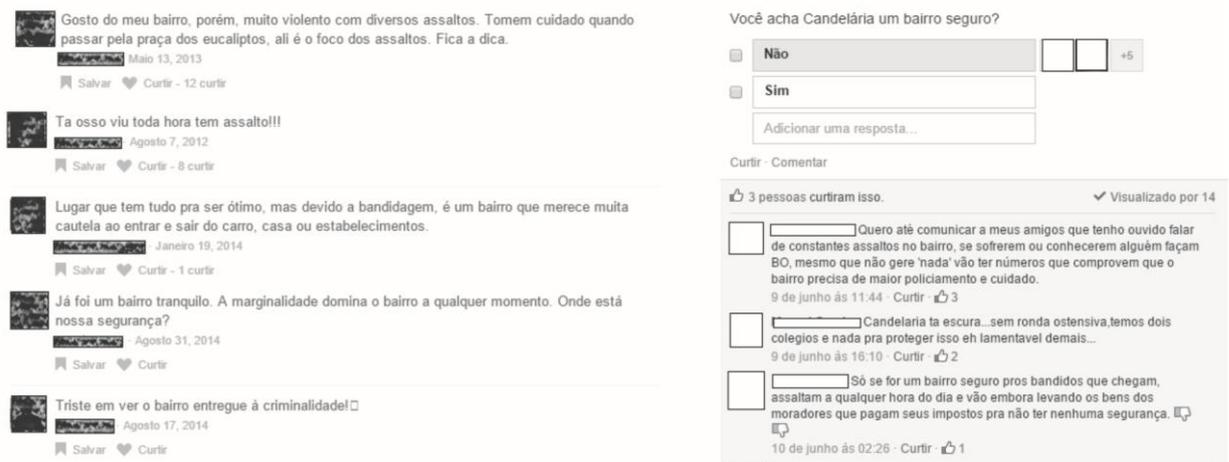
¹⁶ HEITOR, Frúgoli Junior. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

¹⁷ HEITOR, op. cit..

fortificados e a ação que a ele vem associada, de enclausuramento, desconfiança, auxilia nesse distanciamento.

Primeiramente, a fim de visualizarmos (mesmo que parcialmente) a psicofera do medo no bairro de Candelária, fizemos um compilado (figura 2) com alguns relatos presente nas redes sociais *Foursquare* e *Facebook*¹⁸. Esses relatos não se restringem as redes sociais e estão presentes nos discursos cotidianos de seus moradores, perceptível nas conversas que temos com eles. Vale a pena destacar que Candelária é um dos bairros com maior renda média da cidade de Natal e as taxas de crimes são relativamente altas principalmente de furtos e roubos. Essa realidade mais objetiva fundamenta - apesar de não ser uma pré-condição para tal – os discursos sobre o medo e é uma parte de sua psicofera.

Figura 2: Relatos acerca da insegurança no bairro de Candelária, Natal-RN.



Fonte: <https://pt.foursquare.com>; <https://www.facebook.com>.

O bairro de Candelária, por exemplo, é em sua grande maioria residencial e composto por casas comuns em logradouros públicos. Os espaços públicos, como as praças, são pouco utilizados por seus moradores. As ruas são “animadas”, sobretudo, por transeuntes que quase sempre estão ali de passagem e não para “bater um papo” com o vizinho. Essa constatação pode ser extrapolada para outras localidades com uma grande facilidade. E, com isso, nos questionamos: se os condomínios são os responsáveis por toda essa precariedade das sociabilidades na cidade, como, então, explicar essa dinâmica em áreas onde eles não estão presentes em tão grande escala? Repetimos que a crítica aqui não é no sentido de colocar os condomínios fechados como isentos de qualquer responsabilidade nessa dinâmica que vêm se estabelecendo, mas, sim, de relativizá-la e expandir nosso olhar para outros horizontes.

A seguir iremos ver dois relatos de moradores de Candelária acerca das relações de vizinhança. O interessante é que o primeiro foi realizado por uma jovem moradora de um condomínio horizontal do bairro – o *Green Woods* – que reside há 17 anos no local. O segundo é o relato de um, também, jovem morador de casa fora de condomínio que reside há mais de 10 anos em Candelária.

1.

- *Você conhece seus vizinhos?*
- Hoje conheço poucos, muita gente já saiu.
- *Mantinha relações de amizade ou apenas os conhecia “de vista”?*

¹⁸ O *Foursquare* é uma rede social na qual os usuários podem atribuir notas, tecer comentários e fazer os chamados *Check-ins* nos lugares que frequenta. O *Facebook* é uma rede social mais ampla e alguns relatos que utilizamos estão presente em um grupo criado nessa rede que serve de instrumento de pesquisa do autor, denominado “Viver em Candelária”.

- Mantinha relações de amizade.
- *Então, hoje você os conhece pouco. Você atribui isso a algum motivo em especial?*
- Antes havia uma preocupação maior dos próprios condôminos em gerar essa “harmonia”. Não tinham só as festas típicas, tinham gincanas entre famílias. Então, isso gerava maior interação entre todos. Hoje não. É cada um pro seu lado e poucos vão pras festas do tipo Dia das Mães, Dia dos Pais etc.

2.

- Aqui antigamente, em relação a integração...vamos dizer assim...as pessoas se reunirem para fazer alguma coisa, nem que seja besteira, festa...antigamente, por exemplo, a gente fechava essa rua (...) aí fazia uma festa junina. Mas, assim, não era festa junina com quadrilha, nada. Botava uma fogueirinha, uma pessoa trazia a canjica, não sei o quê, todo mundo sentava aqui (...) eu me lembro disso no máximo por 3 anos e depois não vi mais nada [*perguntado se havia tido muita mudança de vizinho*] São os mesmos, mudou não.

Esses dois relatos nos dizem duas coisas em especial. A primeira é que há uma semelhança entre as duas falas no sentido de tratar a festa como um importante fator de sociabilidade. As festas, em ambos os casos, eram os “aglutinadores” da vizinhança. Através delas os vizinhos se encontravam na calçada, conversavam, se confraternizavam, festejavam. Com o passar do tempo essas festas findaram ou minguaram e as relações com os vizinhos se esfacelaram. No primeiro caso o motivo foi a mudança de alguns vizinhos e a chegada de outros que não deram prosseguimento a essas relações e assim os laços de vizinhança foram minguando aos poucos, tornando-se inconsistentes e quase inexistentes. No segundo caso os vizinhos continuam os mesmos, mas mesmo assim não há mais a interação que havia antes. Percebam que a forma de habitação parece não ser o principal condicionante para as alterações sofridas nas relações de vizinhança, sendo, inclusive, na rua com casas fora dos condomínios o caso com o ocorrido mais “extremo” – mesmo com os mesmos vizinhos não há mais o contato.

Aqui podemos refletir sobre a diferença entre proximidade e afinidade. Isso porque a distância geográfica não é condicionante de proximidades afetivas. O paradoxo da abertura-fechamento se encaixa bem nesse fato. Nos relatos podemos perceber que não há uma abertura à vizinhança, havendo, na verdade, um fechamento. Essa dinâmica pode extrapolar o fator “medo” e incidir em nuances mais gerais, com o crescimento da individualização da sociedade pós-moderna.

A imagem abaixo (figura 3) seguida de um breve relato, é algo que suscita de forma bastante proeminente o debate acerca do medo e sua influência nas sociabilidades urbanas. Esse conjunto imagético foi retirado de uma página do *Facebook* chamada “Bairro de Candelária Natal”. A imagem¹⁹ mostra uma espécie de convivência entre faixas etárias – crianças, adultos e idosos – em uma calçada na frente da casa. Sabemos bem que o hábito de se encontrar na calçada para “jogar uma conversa fora” é motivo de saudosismo para muitas pessoas. Essa prática é um sinal de tranquilidade, de amizade e de boa vizinhança. Essa cena ainda pode ser vista em algumas localidades, contudo tem se tornado cada vez mais raras. À imagem está associado um relato sobre as causas para que essa cena não ocorra mais com frequência no bairro de Candelária: a falta de segurança e a precariedade da iluminação pública (que torna os espaços mais inseguros). Realmente essa cena é bastante difícil de visualizar em Candelária, salvo raras exceções. Muitos moradores com os quais conversamos a causa para a pouca utilização das calçadas e também de outros espaços públicos é o medo de que seja acometido por um assalto. O medo, nesse caso, é protagonista nessa ação da não

¹⁹ Não sabemos ao certo se a fotografia foi tirada em Candelária, mas, sem dúvida, ela é extremamente rica para o debate.

utilização das calçadas. Há, portanto, uma negação a esse espaço que também não está condicionado ao viver em condomínios.

Figura 3: Postagem do grupo "Bairro de Candelária Natal" na rede social Facebook.



Fonte: <https://www.facebook.com/pages/Bairro-De-Candel%C3%A1ria-Natal>.

Por fim, trazemos uma fotografia (figura 4) que sintetiza bem esse contexto de enclausuramento pelo medo no qual tem sido comum na cidade. Na fotografia está retratado um protesto realizado por moradores de uma rua no conjunto Cidade Satélite, bairro Pitimbu, em Natal. Esse bairro faz limites com Candelária e tem sido alvo de diversos crimes em seu território. O discurso sobre o medo é bastante presente, também, e vêm alterando o cotidiano de seus moradores. Nas faixas ressalta-se a falta de segurança na qual vivem os moradores dessa rua, vítima de diversos assaltos. A súplica por segurança é latente e demonstra a situação insuportável na qual chegaram esses moradores. Dentre os relatos contidos no protesto um, em especial, chama-nos atenção: “Estou preso em casa!! Assalto todos os dias na minha rua. Socorro!!!”. Esse relato demonstra a situação de enclausuramento pelo qual muitas pessoas têm passado sobre o pretexto do medo. Não sair de casa pelo fato de sentir-se inseguro na rua, ou na cidade como um todo, vem se tornando a cada dia mais comum na dinâmica urna atual, nessa relação entre abertura-fechamento. Ressaltar que está “preso” em casa, nos leva a reflexões sobre o uso de outros espaços públicos da cidade. Ora, se o indivíduo não se sente seguro em sua própria rua, como então sentir-se seguro em outras localidades da cidade? Ainda mais quando o discurso de que “não existe lugar seguro” que parece ser simplório, mas que muito nos diz sobre esse fenômeno, tem se tornado cada vez mais comum.

Figura 4: Fotografia tirada no conjunto Satélite, Pitimbu, de faixas de protesto contra a falta de segurança na área (2015).



Fonte: Acervo próprio.

Essas formas discursivas e imagéticas que abordamos aqui vêm para corroborar e possibilitar uma certa empiria para as discussões que realizamos anteriormente. Elas estão aqui postas para compreendermos que as sociabilidades urbanas são bastante complexas e não podem ser reduzidas a um único fator. O objetivo aqui é, senão, relativizar algumas abordagens e oferecer alguns argumentos para que o debate acerca dessas sociabilidades, de seu esfacelamento, e da ideia de negação da cidade, possam encontrar outras formas. Como vimos nos relatos, essa dinâmica que outrora estava vinculada, essencialmente, a um viver entre muros de condomínios têm se tornado cada vez comum em moradias fora desses empreendimentos, tendo como mote o medo do crime (também, mas não somente). O que nos leva a considerar dinâmica que extrapola a simples forma de moradia e podem incidir em dinâmicas mais amplas na sociedade.

CONCLUSÃO

O presente artigo buscou colocar em sintonia um debate que há muito vem sendo realizado no âmbito das ciências sociais, sobretudo da Geografia: os condomínios fechados e seu papel dentro de ações de negação da cidade e de esfacelamento dos laços sociais. Muito abordado, essa temática acabou por criar uma “atmosfera” de aversão, por assim dizer, a essa forma de moradia, que passou a ser responsável por uma série de malefícios na cidade.

O viver em condomínios sempre teve consigo um apelo a segurança e a diferenciação social, a partir de um suposto “status” de quem nele residisse. Com a crescente violência em muitas cidades, os condomínios se tornaram uma saída ao perigo de se tornar vítima de crimes e de outras catástrofes que porventura pudessem ocorrer. Aos que moram fora de condomínios, entre muros menores e mais vulneráveis, resta a incorporação em larga escala de estratégias de segurança e ao fechamento cada vez maior ao espaço imediato das residências. Criam-se uma infinidade de enclaves territoriais fortificados na cidade que são a expressão da crescente negação da cidade e esfacelamento das sociabilidades urbanas em muitas cidades – em nosso caso, tomando como exemplo o bairro de Candelária, Natal-RN – que extrapola os muros dos condomínios e chegam a formas de moradias mais simples, como a das casas fora dos condomínios.

A ideia aqui posta não tem a pretensão de negar os estudos acerca dos condomínios fechados, muito pelo contrário. Os trabalhos realizados nesse âmbito foram produzidos a

partir de um esforço muito grande de seus autores e trouxe grandes contribuições ao estudo do meio urbano. Além disso, não refutamos o papel dos condomínios fechados dentro desses movimentos de negação e esfacelamento. A ideia aqui posta é ampliar a reflexão, considerando um “também” e não um “somente”. Nesse sentido, acreditamos que o estudo acerca do medo nas cidades traz contribuições importantíssimas para compreender a complexidade do meio urbano e como a dinâmica que matiza a negação da cidade e os enfraquecimentos e ressignificações de sociabilidades incidem, também, sobre as casas “comuns”, onde vizinhos não se conhecem, os espaços públicos tornam-se “anêmicos” pela não-utilização deles e a desconfiança e medo tomam conta tornando essas residências em verdadeiros enclaves territoriais fortificados.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. **Vigilância Líquida**: diálogos com David Lyon. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- _____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: EDUSP, 2000. 34 ed.
- HEITOR, Frúgoli Junior. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- MELGAÇO, Lucas. **A Cidade de Poucos**: condomínios fechados e a privatização do espaço público em Campinas. Boletim Campineiro de Geografia. V. 2, n. 1, 2012.
- _____. **Securização Urbana**: psicofera do medo à tecnosfera da segurança. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole**: o medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.